

DIAGNÓSTICO DE DANOS SOBRE GRANDES ÁREAS DE MOSAICOS CONSERVADOS *IN SITU*

JOSÉ LOURENÇO GONÇALVES

Conservador-Restaurador.

Museu Arqueológico de São Miguel
de Odrinhas – C.M.S.

1. N. Stanley-Price, *Excavation and Conservation*, (1995): 1.

“Destruction of evidence is painful easy, and yet so hopelessly irreparable”

H. Carter and A. C. Mace, *The Tomb of Tutankhamum*, Vol. 1 (1924): 124

Na obra fundamental “Conservation on Archaeological Sites”, coordenada por Nicholas Stanley Price, pode ler-se que: “A conservação de bens arqueológicos deve começar no terreno. O planeamento das necessidades de conservação deve ser estabelecido na proposta de escavação.”¹

Contudo, a ausência desta noção essencial presidiu a esmagadora maioria, senão mesmo todos os trabalhos arqueológicos da primeira metade do século XX. A consequência directa desta situação foi a abertura de numerosos sítios arqueológicos, e a concomitante exposição de grandes áreas com vestígios aos agentes atmosféricos e a outros agentes de degradação. Assistimos, assim, impotentes à destruição de numerosos vestígios arqueológicos que haviam sobrevivido durante séculos ou milénios sob a camada de terra que os protegia.

Nos sítios arqueológicos com mosaicos, assistimos à reacção natural de proteger o mais aparatoso: os estratos de tesselas, elevados então à condição de obra de arte que – como se de uma pintura se tratasse – foram sistematicamente levantados, re-

movidos e encastrados em suportes de betão armado. Outros locais, porém, onde a falta de recursos não permitiu a aplicação desta metodologia foram, simplesmente, votados ao abandono e à destruição paulatina dos seus vestígios.

“A localização física de um sítio faz parte do seu significado cultural. Um edifício, uma obra ou qualquer outro componente de um sítio, devem permanecer na sua localização histórica. A realocação é, em geral, inaceitável a menos que seja a única prática que garanta a sua sobrevivência.”

A Carta de Burra. Carta do ICOMOS da Austrália para a Conservação de Sítios com Significância Cultural (1979): art.º 9.1

Como é do conhecimento geral, os problemas decorrentes das opções técnicas do passado conduziu, ao longo das últimas quatro décadas, a uma mudança radical na abordagem da escavação/conservação de sítios arqueológicos. Tal mudança deve-se, não só aos problemas inerentes aos materiais e métodos utilizados nas intervenções de transladação de painéis de mosaico, mas sobretudo à perda de significância dos sítios espoliados. Impôs-se, então, o recurso a métodos de conservação preventiva. Normalmente recorrendo a técnicas diversas de reenterramento, entre campanhas de trabalhos arqueológicos, de conservação ou mesmo de musealização. Apesar de apresentarem bons resultados, as técnicas de reenterramento comportam também alguns problemas. Regra geral, quanto menos intensivas e mais temporárias – caso do simples *backfilling* –, menor eficácia apresentam em termos de conservação. Obrigando, assim, a trabalhos de monitorização e manutenção. Salienta-se que, de acordo com a Carta de Lausanne do ICOMOS: *“O objectivo fundamental da conservação do património arqueológico é a manutenção in situ dos monumentos e sítios, incluindo os respectivos achados. Assim, qualquer transladação viola o princípio segundo o qual o património deve ser conservado no seu contexto original. Este princípio sublinha a necessidade de uma manutenção, de uma conservação e de uma gestão adequadas. Desse facto decorre que o património arqueológico não deve ser exposto aos riscos e consequências das escavações, nem abandonado após o fim das mesmas, sem uma garantia prévia de financiamento que permita a sua adequada manutenção e conservação.”*

Carta Internacional sobre a Protecção e a Gestão do Património Arqueológico, ICOMOS, Lausanne, Suíça (1990): art.º 6

Por outro lado, o recurso ao reenterramento provisório ou temporário aplica-se, normalmente, em locais onde os trabalhos ainda não cessaram totalmente ou, caso tenham terminado, onde se perspectiva musealizar e expor os mosaicos e vestígios contíguos. Ora esta situação comporta alguns problemas de ordem prática às equipas de conservação e restauro, especialmente nos sítios arqueológicos onde a área total de mosaicos escavados é extensa, *i.e.* em locais onde é praticamente impossível des-tapar todos os mosaicos de uma só vez e proceder ao necessário diagnóstico de da-

nos, prévio a qualquer trabalho de conservação, de restauro, de musealização, etc. *“A conservação do património construído é executada segundo o **projecto de restauro**, que se inscreve numa estratégia para a sua conservação a longo prazo. Este «projecto de restauro» deverá basear-se num conjunto de opções técnicas apropriadas e organizadas segundo um processo cognitivo que integra a recolha de informação e a compreensão profunda do edifício ou sítio.”*

Carta de Cracóvia, Princípios para a Conservação e Restauro do Património Construído; Polónia (2000): art.º 3

Nestes casos, é forçoso instituir uma estratégia no terreno que deve ser ajustada ao local e suas especificidades, com vista à obtenção da maior quantidade de dados no menor decurso de tempo. Uma hipótese metodológica, seus instrumentos e técnicas é que se propõe apresentar de seguida. A proposta tem por base uma estratégia própria e requer alguns recursos técnicos específicos necessários ao objectivo final, que é a elaboração de um mapeamento de danos.

Estratégia

Em primeiro lugar é necessário medir toda a área onde se pretende trabalhar e segmentá-la em áreas de trabalho menores, que corresponderão a fases de trabalho. Deve-se, tanto quanto possível relacionar as pequenas áreas com a arquitectura dos locais e respectiva distribuição modular. Como, nem todos os trabalhos se realizam no Estio, nem sempre faz bom tempo, importa adquirir um abrigo provisório adaptado e dimensionado às pequenas áreas de trabalho.

Recursos técnicos

Para cada área descoberta deve-se instituir uma metodologia coerente e transversal aos trabalhos de conservação e restauro, *i.e.*: a) registo prévio; b) diagnóstico de danos; c) mapeamento e, d) proposta ou projecto de intervenção. Atendendo a que as técnicas de registo de mosaicos não são rápidas e que os problemas dignos de registo se podem reflectir à escala de uma *tessela* ou seja, uma mancha frequentemente inferior ao cm² –, impõe-se o recurso a métodos que permitam coligir a maior quantidade de dados, com o detalhe necessário, no menor decurso de tempo. Tarefa assaz facilitada como a democratização das máquinas fotográficas digitais, dos computadores portáteis, do *software user friendly*, etc.

Assim uma hipótese de registo consiste em fotografar a área de trabalho segundo fiadas ortogonais, com uma margem de sobreposição suficiente para poder-mos montar um mosaico de figuras com facilidade, descartando as margens distorcidas pelo efeito



FIG.1

da curvatura da lente. As fotos devem ser sempre tiradas à mesma distância para que haja uma relação de escala directa. Distância essa, que ser suficientemente próxima para captar com rigor os contornos de cada tessela. A aplicação de marcas, ou alvos, no tesselato também pode ser equacionada para facilitar a montagem do mosaico final. As imagens adquiridas podem ser facilmente descarregadas num computador e o mosaico de figuras pode ser realizado com relativa facilidade num *software* apropriado. Um programa que permita manipular a transparência das imagens é de grande utilidade, como por exemplo: o Photoshop® da Adobe©.

O mosaico de imagens agora convertido num único ficheiro¹ – atenção ao tamanho! – pode ser aberto num programa de desenho que permita traçar polígonos sobre as imagens e atribuir-lhes cores diferentes, bem como agrupá-los de formas diversas, consoante o tema: patologia, intervenção, motivo figurado, etc.

1. Qualquer software de artes gráficas, mesmo os mais elementares, possui as ferramentas necessárias para estas operações. A título de exemplo refere-se o CorelDraw®, mas existem outros mais elementares e de distribuição gratuita.

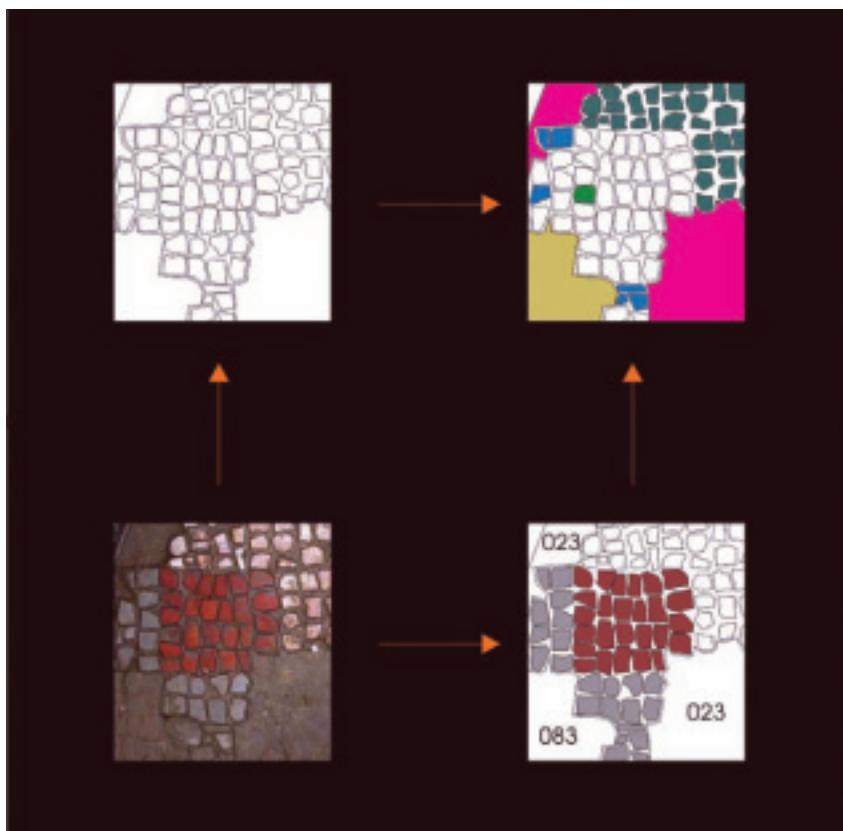


FIG.2

Utilizando a ferramenta zoom de um programa de desenho pode ampliar-se a imagem até que esta fique com as tesselas com tamanho aceitável para que possam ser facilmente traçadas pelos seus contornos – tessela a tessela. As telas resultantes podem ser facilmente impressas em qualquer escala e levadas para o campo.

Mapeamento

Na posse de uma estratégia de intervenção e das ferramentas necessárias podemos, então, dar início ao mapeamento dos danos observados. O registo de danos deve ser o mais objectivo possível, de modo a que os danos observados numa determinada área sejam facilmente correlacionados com danos similares observados numa outra área, numa outra fase. Deve ser também facilmente inteligível por todos os outros que, não estando presentes no terreno vão analisar a informação coligida. Ou seja, o registo deve ser orientado por um glossário pré estabelecido que permita abranger todos pontos de observação dos mosaicos em causa, mas que seja,

simultaneamente, sucinto e universal, para que a informação não se disperse em particularismos complexos.

A título de exemplo o glossário publicado pelo Getty Conservation Institute, e elaborado em parceria com o Israel Antiquities Authority, compreende estes requisitos e está disponível gratuitamente para *download* na internet, através do endereço: http://www.getty.edu/conservation/publications/pdf_publications/mosaicglossary.pdf Partindo de um glossário pré-estabelecido devem-se elaborar tabelas matrizes com o leque de patologias que se espera encontrar, bem como dos primeiros cuidados de conservação que preconizam realizar. Cada técnico a operar no local deve ter uma cópia da tabela.

A tradução livre da terminologia patente no glossário para a linguagem utilizada no local – caso não seja o inglês – e a sua correlação com códigos de cores, numéricos e/ou alfanuméricos nessas tabelas, permite objectivar as observações no terreno e a sua sistematização em fichas de diagnóstico apoiadas pelo mapeamento gráfico nas telas desenhadas. A designação dos fenómenos observados pelos seus respectivos acrónimos, permite reduzir a linguagem sem perda significativa de informação. O mapeamento dos fenómenos com cores permite localizar, prontamente, as observações efectuadas.

O registo no terreno pode ser feito com métodos tradicionais, utilizando lápis de cor directamente sobre o papel com os desenhos do tessellato impresso, tendo que haver para o efeito uma tela com as tesselas pintadas em cor próxima do real subjacente a uma tela do mesmo tessellato representado apenas a contorno.

Os lápis não têm de ser de grande qualidade. Devem ser, contudo, de aquisição fácil, para que possam ser facilmente substituídos, e que tenham um leque de cores equivalentes ao número de aspectos que se pretende retratar.

A selecção de cores e a sua relação com as diferentes patologias ou intervenções é de livre arbítrio, apesar de apresentar algumas vantagens seguir algumas regras, tais como:

Reservar a ausência de cor (ou branco) para a limpeza do tessellato, que é um tipo de intervenção que se faz sempre e em toda a área.

Relacionar um conjunto reduzido de patologias com as cores reais dos fenómenos, como o verde para problemas com espécies vegetais, ou tons escuros para problemas com sujidades.

Associar tons semelhantes a grupos de patologias, como por exemplo: escolher uma gama de azuis para os diferentes problemas que se podem registar ao nível das tesselas e outra gama diferente para problemas no substrato. Atendendo à limitação de cores disponíveis, escolher gamas de cores semelhantes para patologias e intervenções, uma vez que elas irão constar em mapas temáticos separados. Atribuir um número a cada cor utilizada, para os casos de dúvidas entre tonalidades diversas, etc.

A aplicação da metodologia proposta apresenta contudo alguns obstáculos, particularmente a dificuldade de fazer os mosaicos de imagens sem defeitos e o número de horas que se consomem em gabinete a desenhar – tessela a tessela – no

computador. Ainda, assim, permite poupar imenso tempo no terreno. Apresenta a grande vantagem de permitir fazer paulatinamente diagnósticos de danos em fases diferentes e sequentes, cujos dados são perfeitamente correlacionáveis entre si e que são passíveis de ser coligidos numa carta de riscos única e abrangente. Tal documento permitirá desencadear, de forma precisa, os restantes instrumentos de gestão do sítio arqueológico necessários para a instituição de programas de manutenção, de conservação, de restauro e de musealização. Neste exercício o tamanho exagerado do ficheiro resultante pode ser um problema. ●